



PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA PARA SI E O OUTRO: MEMÓRIAS EM MOSAICOS DE (AUTO)FORMAÇÃO?

Denise Aquino Alves Martins - UFT

Resumo:

Vivemos tempos difíceis em se tratando da profissão professor, pois paira no ar crises de identidades, de sentido do estatuto epistemológico da profissão, crises de legitimidade da produção de conhecimento e uma constância de projetos pedagógicos pautados no discurso de cidadania da ordem global (Nóvoa, 2009; Boaventura Santos, 2009). Larrosa (2001) ironicamente assume os riscos na escrita e na narrativa de um encontro com as dúvidas, com a mobilização das inquietações. Da mesma forma Farina (2008) evidencia o corpo-a-corpo da docência que ao dançar numa coreografia em que é permitido movimentos de perda de equilíbrio, numa experiência estética, aprofunda grandes ou pequenas “alterações de sensibilidade”, atuando nos princípios e critérios de referência dos sujeitos envolvidos. O Mobilizar-te (processo construído no período de 2008-2010 num Curso de formação de professores) e as memórias de um processo formativo nas suas entranhas, pode gerar pedagogias sensíveis ao outro, ao diverso, ao plural de mim, na busca por nossos passos numa cidadania estética e ética?

Palavras-chave: (auto)formação de professores, estética, memórias.

O interesse pelo estudo da formação estética e estética da formação acontece nesse espaço de errâncias e (in)constâncias acadêmicas, num curso de formação de professores no norte do país, em que é possível pensar práticas do desassossego consigo e o outro, na busca de processos auto-formativos com narrativas de suas memórias de infância, lugares ocupados do corpo, movimento e arte, territórios de cultura produzidos. Assim assumindo a condição humana de produção da vida, há espaços para discentes protagonistas coletivos num artefazer-se docente.

Destaco sua importância para os estudos sobre formação docente no norte do país, tanto pela possibilidade de ampliação dos estudos nessa linha de pesquisa, como também para renovação teórica percebendo o caráter histórico e cultural dos grupos que me circulam e habitam no lugar, pois “*vida é conhecimento*” nos alerta Maturana (2001), na aposta, no desafio de enfrentar o *analfabetismo cultural* presente principalmente em relação às memórias/formas de cultura e linguagens na formação acadêmica, que passam pela formação estética

Lembrando Macedo (2010) que a “*estética é lugar a ser habitado*” (p. 136), o GT formação de professores lembra o protagonismo, cenários autorizantes, num processo de quebra de barreiras epistemológicas, refletindo sobre a possibilidade de bricolagem no espaço de formação acadêmica, que haja permissão para a inter-relação entre diversas linguagens artísticas, estudos da performance, dança, dramaturgia, vídeo e fotografia.

A memória de um processo formativo nas suas entranhas pode gestar pedagogias sensíveis ao outro, ao diverso, ao plural de mim, então existimos em rede na busca por nossos passos numa cidadania estética e ética. Farina (2010, 2008) fala da pedagogia dos afectos, salientando as relações entre subjetividade, corpo e arte (p.96) sobre o cuidar do que nos acontece e de poder improvisar com isso novas relações sociais. Na minha dissertação destaco a urgência de processo coletivos na construção identitária de uma profissão, carregada de elementos estéticos na memória das professoras.

Pereira (2009) pensa a necessidade de uma estética da suspeita, numa prudência, também destacado por Boaventura Santos (2001) na ética da decência, na articulação de projetos para uma nova sociabilidade em tempos de pouca durabilidade das coisas, processos e relações, na valorização da experiência como algo que nos acontece, toca e nos reinventa.

O que me mantém na profissão é a busca por novos paradigmas reflexivos estéticos, no espaço para o compartilhar, fazer, produzir discente. Penso que se faz necessário estudar o campo da formação nas relações com estética, produção de si, processo coletivo do bem comum. A arte/educação possui essas virtudes, possui essa vocação de transgredir o status quo da voraz banalização dos tempos-espacos em que vivemos.

Macedo (2010) destaca uma “*política dos sentidos na formação*”, traduzindo o imaginar como antecipar, transgredir, trair, numa necessária “*microtransgressão*” das relações humanas em formação, pois

O fato de que a presença do imaginário nas práticas formativas demanda imaginação política e rejuvenescimento dos imaginários propositivos da educação. [...] para impedir a esterilização da imaginação nos tempos e espaços das nossas existências em formação (p. 143)

Sucumbimos com nós mesmos, nos devoramos em fazeres para o mercado, nos esquecemos de produzir nosso prazer em viver. Precisaremos (re)ver a contemporaneidade com olhos e chapéu de guizos! Larrosa (2001) é quem nos provoca a usar, para relativizar as máscaras retóricas que configuram o uso da linguagem. “O riso mostra a realidade a partir de outro ponto de vista” (p.178), nessa condição de auto-ironia produzimos uma “*revogação de identidade [...] e assim, o riso põe a nu sua própria finitude*”(180).

Uma renovação de estudos sobre formação de professores através da presença de diversas linguagens artísticas no currículo do curso de Pedagogia, nas relações entre estudos (auto)biográficos e agendas sociais para compreensão do mundo contemporâneo, desafiam o conhecimento acadêmico para novas formas de trabalho docente, pois a falta de engajamento dos professores atuais percebidos nos estudos de Goodson (2007), são indícios de demandas por estudos e alternativas para a formação docente (Ferreira, Fischer, Peres, 2009).

Gênese do processo Mobilizar-te

Se fosse possível no espaço desse texto rever a pré-história de um processo preche de elementos vitais para prática docente, como o prazer em descobrir, a vitalidade do novo, naquilo que Freire situa como “inéditos viáveis”, começaria pela minha própria experiência com estética na sala de aula, em que venho desenvolvendo a mais de dez anos no ensino superior no estado de Tocantins.

Poderia falar dos portfólios dos acadêmicos do Curso de Educação Física e Pedagogia, nos quais as imagens de si se projetam para além de um simples pensar sua infância, mas rascunham reflexões sobre uma docência com as infâncias produtoras de cultura. A colcha de tecido pintada em quadrados produzida pelas acadêmicas de Pedagogia sobre espaços do brincar, nos brindam com preciosas descobertas de histórias comuns e lugares habitados, num mosaico de culturas neste estado que reúne tantos migrantes e deslocamentos de identidades.

Para compreender o lugar em que vivo, precisei entender as culturas, formas de vida presentes nas narrativas dos acadêmicos, seus gostos, artefatos, como elementos vivos de uma experiência de ser tocantinense. Descobri que aqui habitam todos os lugares deste país. Somos todos migrantes, trazendo na bagagem nossos objetos e símbolos culturais e isto é uma questão que atravessa o currículo de formação de professores.

Acredito que os tecidos sociais do contexto fazem jus a idéia de tecer com, de forma que o tapete inicial na metáfora do trabalho docente, desde a origem do meu trabalho de mestrado, ainda permanecem fortes na minha crença de buscar mais solidariedade ao fazer humano, perpassado pelo conhecimento do diverso, do plural, das coisas incontadas, não ditas, que permanecem no obscuro, na *calada da noite*.

Ao presenciar os espetáculos de dança e teatro (des)vestidos e desertos¹ percebemos no palco a potencialidade do corpo, quase sem música, quase sem rumo, na textura de um drama de ausência de nós mesmos em nós. Esses espetáculos puderam me dizer da fonte interna, da visualidade que somos perante um lugar qualquer, destituído de atrativos físicos, mas que podem nos provocar mutações em buscas incansáveis de sentidos do viver.

Esses cenários como pano de fundo de um palco acadêmico, me faz lembrar da peça Desertos pois a atriz flutua sobre um palco, solitária, anunciando aos seus convidados na roda de trinta lugares, sua narrativa de vida, na presença dos seus símbolos e signos, rádio e lâmpadas, como faróis que iluminam seu caminho. A beleza estética desse teatro é justamente pensar que podemos ter nossos próprios desertos, mas podemos dividir esse espaço com alguém, nesse caso o público.

Meu público são meus alunos, discentes produtores de si! Eu os convido a entrar no palco da docência, pensando no cinema, na fotografia, no sarau literário, no espetáculo de dança². Na lida do corpo/arte/educação na formação da profissão docente, coexiste as incertezas de quem

1

¹ Trata-se do projeto Sescamazôniadasartes, com apresentações realizadas no período de 21/05 a 29/05 .. Nessa edição foram selecionados grupos de teatro, dança, música, teatro de rua, da região amazônica. Maiores informações ver: www.sescto.com.br

2

² Neste percurso de tempo, foi possível exibir em sala alguns filmes, ensaios fotográficos e fomos ao teatro para ver espetáculos de dança e teatro, assim produzindo alargamentos da composição de ensino, incluindo a extensão da sala de aula.

somos, dos rumos a tomar, da necessidade premente de (des)vestir quem pensamos que somos ou pretendemos ser: professores?

O que dizer então do corpo discente do curso de Pedagogia, que parecem destituídas de um corpo? Como irão trabalhar com crianças que exigem uma disponibilidade corporal para estar no mundo? Essas e outras inúmeras preocupações me fazem projetar uma didática pensada no corpo e na arte/educação para o movimento.

Quantas imagens já povoam nosso cérebro só em pensar nesse ser, tão presente em todos, tão ausente de sentidos na totalidade das profissões. O que nos move, quem nos move, que movimentos nos pertencem? Nesse espaço de pensamento sobre nosso agir corpóreo constitui uma forma estética de estar no mundo, talvez não tão visível quanto o que se produz sobre nós.

Na proposição de desvestir o corpo docente/discente, carrego comigo as idéias de Larrosa (2001) de uma *Pedagogia Profana*, despida de cumplicidade com o sistema que o aprisiona de pensamento autônomo, posto que na última década se acirraram as decisões sobre o fazer desse corpo na escola.

As políticas públicas de formação de professores desde o início dos anos 90 alinharam as decisões sobre o fazer docente na agenda da globalização econômica, pasteurizando os sentidos da profissão. Não nos surpreende as pesquisas de Goodson (2007) sobre o desencanto dos professores no processo de desenvolvimento profissional.

A busca de sentido na profissão me arranca os fios de cabelo, na tentativa de propor movimentos estéticos no fazer docente, na construção de trilhos não convencionais, de preferir as bordas do caminho ou o avesso à formalidade, insisto numa pedagogia convidativa para os corpos que se expressam, mesmo a deriva! Nesse percurso de trabalho com acadêmicos/as de Pedagogia, no período de 2008-2010, começo a projetar um movimento acadêmico sobre si, na forma de pensar um corpo em movimento para si: mobilizar-te.

Lanier³ (2001) já desde a década de 60 fazia a crítica à arte/educação que não alarga seus horizontes para a cultura popular, para a crescente estetização do espaço do olhar humano. Sugere a inclusão de estudos sobre mídias, estilos musicais dos jovens e a quebra da hierarquia da arte sobre a cultura visual, da arte erudita (belas artes) sobre a arte popular (artesanato).

Na tentativa de encantar os acadêmicos com a arte/educação me propus a estudar formas de trabalho que efetivamente pudesse produzir um acontecimento para além das fronteiras de sala de aula. Passamos a estudar as diferentes linguagens artísticas, para dar conta de uma ementa que diz sobre:

“A criança, o imaginário, a criatividade e o lúdico. O que é arte/educação, suas funções e princípios. A arte como instrumento de aprendizagem. As linguagens artísticas e o auto-conhecimento. A arte, o jogo, o brinquedo, a brincadeira, a festa e o desenho infantil: conceitos, significados e importância para educação. O uso de sucatas na arte/educação. A oficina como espaço de reflexão, troca e construção de idéias para o descobrimento de significados e oportunidades para a mediação da arte na construção sócio-cultural no campo escolar”(projeto político pedagógico do Curso de Pedagogia, 2007).

Assim ao longo de dois anos letivos (2008/2010) tenho efetivado junto aos acadêmicos do Curso de Pedagogia, alguns projetos/movimentos/oficinas que envolvem a articulação entre ensino, pesquisa e extensão para pensar a formação estética dos acadêmicos, levando em consideração os aspectos: espaço, tempo, corporeidade, cuidado, artefatos culturais e disponibilidade para as infâncias.

De modo imediato, a palavra estética refere-se ao sensível, ao perceptível, ao sensual. Falar, então, de educação estética, ou melhor, de educação estética na formação docente, é o mesmo que falar em educação da sensibilidade humana aprendente. Nitidamente, isso não é qualquer coisa. Pelo contrário, é algo que toca o cerne da condição humana vivente e vivida. Portanto, algo da ordem dos acontecimentos implicados e não apenas daqueles hipotéticos e fantasiosos. (GALEFFI, 2009).

Os eventos em salas-ambientes (ou cenários) organizados pelos acadêmicos no final de cada período letivo, até agora já foram realizadas cinco edições do Mobilizar-te, possibilitaram o trânsito pelas diversas áreas do currículo, bem como pela polifonia das sensações. Assim podemos enumerar as constâncias percebidas pelas escolhas dos acadêmicos nas temáticas desenvolvidas:

- Música
- Desenho/pintura/modelagem/colagem
- Poesia
- Artefatos de brincar/Artesanato
- Fotografia /Vídeo
- Teatro/Jogos/dramatizações
- Exposições de arte
- Relaxamento e respiração
- Contar histórias/recitar
- Cirandas

A forma do trabalho foi partejada em sala de aula, através dos desejos pulsantes dos alunos de fazerem algo nos corredores vazios dos prédios da Universidade, sondando possibilidades de avanços no agir pedagógico e político na consolidação da união entre ensino, pesquisa e extensão.

O pensar sobre a produção em envolver-se com arte/movimento de si capturou as acadêmicas em suas práticas cotidianas, para além da sala de aula, envolvendo as amizades, os encontros com acadêmicos/convidados de outros cursos, bem como houve o agregar da família, irmãos, filhos, namorados: todos foram acionados para ajudar a montar as salas ambientes.

Esses movimentos em torno do fazer pedagógico, trazendo temas da própria vida, como uma das alunas amante da música, que juntou sua coleção de LPs, fitas cassetes de música, (re)visitando seus antigos ídolos, e salientou que seu nome era em homenagem a uma cantora.

As acadêmicas meninas grandes, na roda de buscar formar elos com o mundo recriando sentidos para si e para os outros, numa docência que não elimina o jogo, o brincar, o sensível-artefazer-se na educação. Isso pressupõe vínculos, disponibilidades em final de semestre, levar a sério a arte, no respeito de sensibilizar, tocar, emocionar a si e aos outros, então acredito que o acontecimento encarna nas acadêmicas e revitaliza os espaços de criação de um modo decente/docente de ser, na tentativa de dar outros sentidos ao que vivemos tão demarcados pelo mercado, consumo, estéticas e fragmentos de lugares educativos.

De forma que a sistematização dos grupos partia sempre de algo intrínseco ao acadêmico, da mesma forma que os lugares percorridos. Aqueles que se sentiram desafiados a ultrapassar os limites da universidade propuseram as suas errâncias em outras localidades, como por exemplos as suas próprias escolas em que trabalhavam. Outros traziam para dentro da instituição seus grupos de atuação, como por exemplo, grupos de jovens da periferia da cidade.

As turmas de arte/educação e teoria dos jogos e recreação organizaram os eventos ao final do semestre, pensando na estética do lugar, do acolhimento, do envolver os grupos que são recebidos nas salas-ambientes e/ou corredores do prédio A (lôcus do curso de Pedagogia). Participaram efetivamente como propositores⁴ das cinco edições já realizadas cerca de 130 acadêmicos, como participantes 150 e em média 70 crianças e jovens da cidade.

Na cumplicidade exercida com diversos discentes neste período de dois anos, elejo um grupo como síntese das falas, no sentido de ampliação dos sentidos identitários de uma profissão marcada por inúmeros afazeres, inclusive o de se perceber produtores de cultura.

As pessoas que participaram demonstraram interesse e testemunharam necessidades de constância disso em suas vidas. O que nos deixou satisfeitas, enquanto projeto desenvolvido, pois podemos alcançar nossos objetivos [...] este grupo participou de três edições, podemos avaliar de maneira positiva para construção de nossas identidades profissionais. Isso porque é um momento de convivência e aprendizagens diversas. Não só com um olhar participativo, mas também como integrante de um projeto, podemos, enquanto grupo discutir, pensar e repensar teorias que foram pesquisadas no decorrer das disciplinas. Isso é avaliado por todas nós como significação profissional enquanto futuras educadoras (Simone, Priscila, Kéríta, Iolanda e Luciana).

Ao relatar os movimentos dessas experiências realizadas mais do que salientar as preocupações pedagógicas de inserção do imaginário, do lúdico e ético-estético na educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental, o projeto propõe-se a contribuir com a pesquisa de formação acadêmica, produção de conhecimento nas interfaces com arte/movimento que se (re)desenham e articulam na medida da possibilidade de alargamento de conceitos e práticas em diferentes (des)realidades.

Que percepções sobre a arte/movimento os acadêmicos possuem para si e para as infâncias? O que pensam sobre o potencial educativo das produções estéticas na contemporaneidade? Quais os desafios da profissão para pensar e agir com as culturas infantis de nossos dias? Que disponibilidades corporais estão colocadas?

Muitas coisas poderiam ser ditas sobre todas essas movimentações acadêmicas, por exemplo: que os acadêmicos fizeram estudos, produziram seus próprios artefatos de visualidades (vídeo projetado na tela, contando o processo de criação do Mobilizar-te), que as fotografias fizeram parte de todas as edições do evento, na tentativa do registro, da memória do fato. Também que em todas as salas era perceptível o orgulho dos acadêmicos em participar como organizadores e apresentarem o curso de Pedagogia.

Esse é o meu tema/problema de análise a partir das memórias discentes, dos artefatos produzidos, dos relatórios e questionários de avaliação dos eventos produzidos nas cinco edições do Mobilizar-te, refletir: A experiência do Mobilizar-te foi uma produção coletiva acadêmica que possibilitou sua (auto)formação? Que elementos estéticos contribuíram para esse processo? Que modificações foram percebidas pelos acadêmicos na produção de sentidos na experiência estética para si e o outro?

Objetivos

- Descrever o processo desenvolvido nas cinco edições do projeto Mobilizar-te
- Compreender a experiência do projeto Mobilizar-te como acontecimento de (auto)formação acadêmica e produção coletiva
- Perceber as articulações entre ensino, pesquisa e extensão realizadas na memória dos relatos dos acadêmicos
- (Re)conhecer totalidades estéticas oriundas do projeto Mobilizar-te envolvendo arte/movimento

Revisão de literatura

Ao incluir a própria prática docente como objeto de estudo de experiência traz à tona a necessidade de pensar a arte na formação de futuros pedagogos, inseridos numa sociedade diversa e complexa, em que os saberes do futuro, no sentido dado por Arruda e Boff (2000), Freire (1997, 2003), Sousa Santos (1996, 2001, 2000) passam pela mão da imaginação, cuidado, criação e ação ético-estética do fazer docente, bem como nos fundamentos oriundos de estudos de Farina (2008, 2010), Hernández (2009), Barbosa (2010) e Kunz (2005,2004) para compreensão da arte e corpo na educação. Assim nos sentimos também convidados a pensar nessa perspectiva.

Farina (2010) afirma que,

As grandes transformações nos modos de vida da atualidade solicitam experimentações rigorosas e consistentes com sua sensibilidade e modos de saber. A velocidade e a radicalidade dessas transformações nos solicitam a produção de novas referências conceituais, estéticas e políticas para as ciências da educação (p.1).

Essas transformações e acomodações nos embriagam cotidianamente com a repetição da sensação de algo perene (Welsch, 1995), nos conduzindo ao esvaziamento da experiência corporal.

A contemporaneidade na presença da estetização da sociedade também nos exige uma postura crítica que nos retire da indiferença agressiva do momento em que se produz realidades virtuais, em que o peso do viver parece sem responsabilidade e sem gosto na ânsia de consumo comunicacional, a grande utopia do momento segundo Pereira (2009).

Dante Augusto Galeffi diz que [...] se quisermos levar a sério a educação da sensibilidade, a educação estética, é preciso, em primeiro lugar, *fazer-aprender a sentir as formas que constituem nosso modo de ser-no-mundo-com*.

Então concordamos que existe entre “arte, corpo e subjetividade: uma relação que marca a complexidade da experiência estética, ética e política da atualidade” (Farina, 2008, p. 95), bem como que é necessário buscar novos caminhos didáticos na formação de professores que permitam a vivência/experimentação de si como produtores de cultura.

Revedo as práticas já vividas neste período de cinco edições do Mobilizar-te, penso que as palavras de Farina (2008, p.3) em relação ao corpo de que “vemos a economia de mercado apropriar-se dele e refundá-lo como corpo de consumo de sua própria experiência”, invocam novos estudos, correlações com a presença corporal, numa tentativa de não sacralização de “outros cadáveres entre eles, o corpo”, produzidos e tirados de seu endereço próprio.

Consumimos um corpo, vestimos outras peles, numa vertiginosa força descomunal, com patrocínio mercadológico. E nisso as culturas das infâncias contemporâneas estão “atoladas”.

Perceberemos nós docentes estes movimentos da arte na educação? Do corpo na educação? Que linguagens são apropriadas na formação?

Preocupações que me tocam como profissional professora, pois que a vida urge “*metamorfoses ambulantes*” e a vida discente está demarcada por valores do mercado, pelo consumismo das idéias, da busca da juventude eterna, da beleza como princípios ontológicos de conduta humana.

Na mesma linha escrita por Fischer (2009) penso,

[...] que poderia fazer parte importante da formação docente a educação do olhar, a educação da sensibilidade, a educação ética, cuja fonte poderia ser, dentre tantos possíveis, alguns exercícios de imersão nas linguagens audiovisuais: exercícios de entrega aos sons, movimentos, diálogos e cores das imagens do cinema e da televisão; exercícios de entrega a narrativas que fogem aos esquemas convencionais das chamadas estruturas de consolação (p. 5).

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais **para o Curso de Graduação em Pedagogia (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO)**, no artigo 6º destaca-se a “*atenção às questões atinentes à ética, à estética e à ludicidade, no contexto do exercício profissional, em âmbitos escolares e não-escolares, articulando o saber acadêmico, a pesquisa, a extensão e a prática educativa*”.

As questões pertinentes à estética e ludicidade ainda consideradas marginais no currículo, passam a ser discutidas recentemente, trazendo novos conceitos para prática docente. Os diversos olhares para o sentido da expressão humana, seja na forma de linguagem visual, oral, movimento ou música, podem ser vividos pelo acadêmico como manifestação de prazer pessoal e aprendizagem de profissão.

Nossa formação estética dá-se por meio da diversidade de imagens, *performances* e discursos que a sustentam, e que povoam nosso cotidiano. Dá-se pela forma como nos afetam e de como reagimos a isso. [...] Nossa experiência estética constitui-se do conjunto de aprendizagens sensíveis e conscientes das quais lançamos mão, ainda que sem nos darmos conta, para ver o que nos acontece e responder a isso (FARINA, 2008, p. 100).

Macedo (2010) ao tratar da estética e formatividade, salienta que o conhecimento baseado na *ratio* está reduzido ao cálculo, esquecendo das “*mediações potentes da paixão, da sensibilidade*”. Nesse sentido reforça uma idéia latente de “*des-estetização do conhecimento*”, esse esforço de “*negação do sensível no processo de construção do conhecimento*” presente na formação e nos currículos universitários (p.127). “*O mundo dos afetos e o mundo das implicações, conscientes ou não, são complexidades que a formação não pode descartar*” (MACEDO, 2010, p. 128).

De modo imediato, a palavra estética refere-se ao sensível, ao perceptível, ao sensual. Falar, então, de educação estética, ou melhor, de educação estética na formação docente, é o mesmo que falar em educação da sensibilidade humana aprendente. Nitidamente, isso não é qualquer coisa. Pelo contrário, é algo que toca o cerne da condição humana vivente e vivida. Portanto, algo da ordem dos acontecimentos implicados e não apenas daqueles hipotéticos e fantasiosos. (GALEFFI, 2009, s/p).

Numa linha propositiva a pesquisadora Maria Isabel da Cunha (2010) também sugere possíveis caminhos para refletir o sentido da ação acadêmica e o papel da Universidade na sociedade quando destaca que

“os processos de produção e apropriação artísticas possam revelar-se significativos na formação humana. Tornar a arte presente na educação como forma de pesquisa, experiência de abertura sensível e cognitiva para o outro, compreensão e transformação de si e do mundo é objetivo (2010, p. 7)

Termino estas linhas desejando arduamente ter conseguido pontuar algumas trajetórias significativas de um processo pessoal/profissional, mas, também, fazer da escrita algo como nos lembra Sontag “pensar e escrever são fundamentalmente questões de resistência” (apud. Kramer⁵, 2001, p. 164.).

Que espaços são esses que nos fazem ser mais presentes e vitais para nós e os outros? A busca por novas bases teóricas para compreensão de um fazer tão emprenhado de sutis transformações precisam da articulação de “*docentes-recíprocos*” e é este meu desejo, citando Clarice Lispector⁶ “*é do buscar e não do achar que nasce o que não conhecia e que instantaneamente reconheço. É só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguia*”.

Metodologia

A intencionalidade metodológica pretendida no presente projeto aproxima-se de práticas qualitativas na educação em abordagens participativas, bem como a intersecção com o método (auto) biográfico descritos por Nóvoa, Finger, Josso, Dominicé (2010) Cunha, Chaigar (2009) no sentido de dar voz aos estudantes protagonistas das cinco edições do projeto Mobilizar-te.

Concordando com Berkenbrock Rosito (2008) as “*memórias potencializadas, lembranças que poderão evocar o contato com o pólo criador, inventivo, aventureiro do humano, o qual tem ligação com o princípio da autoria – exercício fundamental para sua jornada de ensinar e aprender, no campo da Educação Estética*” podem produzir novas formas de ver o mundo, numa *alfabetização cultural* necessária para mover a cultura universitária.

Para mapear os dados coletados, serão utilizados os seguintes procedimentos:

1. Encontros coletivos com acadêmicos que já participaram como propositores do mobilizar-te;
2. Expor a intenção da pesquisa participante, em que os acadêmicos serão informados e assinarão termo de consentimento da pesquisa;

3. Apresentar fotografias dos eventos para os grupos e gravar suas impressões verbais/corporais (vídeo);
4. Solicitar depoimentos escritos para quem o desejar;
5. Solicitar elementos visuais do acervo que cada grupo/sujeito possa ter consigo (fotos, vídeos, escritas);
6. Agendar novos encontros para memória discente do projeto;
7. Selecionar das cinco edições do Mobilizar-te acadêmicos para entrevista individual, a princípio pelo envolvimento na proposta;
8. Entrevistar professores/acadêmicos/artistas que participaram dos eventos com apresentação de shows artísticos.

Além desses grupos serem ouvidos também usaremos as fontes documentais produzidas através de: informações de relatórios dos grupos, depoimentos, fotografias, vídeos produzidos. A busca de materiais documentais sobre os eventos realizados e seus desdobramentos em escolas, redes sociais e turmas que participaram como expectadores, compõem o mosaico estético desse projeto.

Esses elementos compõem uma intencionalidade, feito vento e brisa, hora nos devorando, hora nos acariciando. Sem delimitações fixas, prefiro seguir orientações de Martins (2006) que nos faz pensar em entrevistas, nossas inquietações como pesquisadoras-propositoras, para

“Pensar por um “método” rizomático impele o mergulho na potencialidade da experiência, nas multiplicidades que se oferecem à invenção, em deslocamentos e escolhas em trajetórias que se descobrem no próprio trajeto, em um movimento que é típico da arte. Como diz Pareyson (1984, p. 32) a arte “é um tal fazer que, enquanto faz inventa o por fazer e o modo de fazer”, como uma produção que nasce da experiência provocadora, pois ao mesmo tempo em que se inventa, transforma também aquele que inventa. [...] Estar aberto à experiência, à bússola interna e aos ventos fortes que promovem momentos de caos e o aproveitamento do que emerge, seja na vida, na sala de aula, no ato de criação artística, envolve o substituir o pânico e o medo pela ousadia e pela tolerância com o que ainda não está definido e por isto é ambíguo, é amorfo, é ainda um vir-a-ser. Este gesto estético está muito presente em projetos e marca a força do contexto na própria ação projetada. Cada um de nós, em sua singularidade apresenta-se

frente a cada situação específica com suas histórias e intenções, mas é nesta presentificação do contexto que abre espaços para a ação, para os projetos como devires disponíveis para o que ainda não foi vivido. (p. 4)

Estar aberta e cuidadosa aos meus “presentes/achados” é o que me persegue nessa trilha agora pretendida.

Referências bibliográficas

- ARRUDA, Marcos; BOFF, Leonardo. **Globalização: desafios socioeconômicos, éticos e educativos**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BARBOSA, Ana Mae (org). **Arte/educação Contemporânea**. Consonâncias Internacionais. 3ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. **Arte-educação: leitura no subsolo**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- BERKENBROC-ROSITO, Margaréte May. **Workshop: A Pesquisa e a Educação Estética na formação humana de professores**. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (RS), 2008.
- CHAIGAR, Vânia A. M. Com quantos Nós se faz um ReDE? Um estudo sobre formação de professores/as no chão de Escolas Públicas pelotenses. **Tese** (Doutorado em Educação). Universidade do Vale do Rio do Sinos: São Leopoldo, 2008.
- CUNHA, Maria Isabel da (Org.) **Trajelórias e lugares de formação da docência universitária: da perspectiva individual ao espaço institucional**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin Editores; Brasília, DF: CAPES:CNPQ, 2010.
- DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÒVOA, Antônio, FINGER, Mathias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, EDUFRN; São Paulo, PAULUS, 2010.
- FARINA, Cynthia. Políticas do sensível no corpo docente - Arte e Filosofia na Formação Continuada de professores. **Revista Thema**. Volume 7, n.1. 2010. Disponível em: <<http://www2.ifsul.edu.br/~revistathema/index.php/thema/article/viewFile/11/5>> acesso em: 20/04/2011.
- FARINA, Cynthia. “Formação estética e estética da formação”. In: Fritzen, Celdon e Moreira, Janine. (orgs.). **Educação e arte**. As linguagens artísticas na formação humana. Campinas: Papirus, 2008.
- FERREIRA, Márcia O. V, FISCHER, Beatriz, PERES, Lúcia Maria V.(org.) **Memórias docentes- abordagens teórico-metodológicas de investigação**. São Leopoldo: Oikos; Brasília; Liber Livro, 2009.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética. **Rev. Bras. Educ.** vol.14 n. 40, Rio de Janeiro, jan./abr. 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. (Coleção Leitura)
- FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Tradução de Adriana Lopez. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- FRIETZEN, Celdon e MOREIRA, Janine. (orgs.). **Educação e arte**. As linguagens artísticas na formação humana. Campinas: Papirus, 2008.
- GALEFFI, Dante Augusto. Estética e formação docente: uma compreensão implicada. **Debate** na UFBA, 2009.

GOODSON, Ivor. **Políticas do conhecimento: vida e trabalho docente entre saberes e instituições** / Ivor Goodson; org. e trad. Raimundo Martins e Irene Tourinho. – Goiânia : Cegraf, 2007. Coleção Desenredos, n. 02, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual**. Proposta para uma nova narrativa educacional. 2ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito...Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, Antônio, FINGER, Mathias (org.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

KUNZ, Elenor (org.) **Educação Física**. Ensino e Mudança. 3. ed. Ijuí: Ed. Ijuí, 2004.

KUNZ, Elenor (org.). **Didática da Educação Física**. 3. ed. Ijuí: Ed. Ijuí, 2005.

KRAMER, Sônia. Linguagem e História. In: FRIGOTTO, CIAVATTA (orgs.) **Teoria e educação no labirinto do Capital**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEREIRA, Marcos. Utopias contemporâneas para a vida coletiva. **Travessias**, número 02. Disponível em < www.unioeste.br/travessias > acesso em 02/09/2011.

_____. Contribuições ao debate sobre a relação entre a estética e a educação na nova sociabilidade. **32. Edição especial** da Anped, 2009, disponível em < http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/sessao_especial > acesso em: 02/09/2011.

LANIER, Vincent. **Devolvendo arte à arte-educação**. In: BARBOSA, Ana Mae (org.) **Arte-educação: leitura no subsolo**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana. Danças, piruetas e mascaradas**. 4ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MACEDO, Roberto Sidney. **Compreender/mediar a formação. O fundante da educação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.

MARTINS, Mirian Celeste. **Entrevidas: a inquietude de professores-propositores**. [Edição: 2006 - Vol. 31 - No. 02](#). Disponível em < coralx.ufsm.br/revce/revce > acesso em 23/04/2010.

NÓVOA, Antônio, FINGER, Mathias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, EDUFRN; São Paulo, PAULUS, 2010.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e Culturas da Infância. **Conferência na Jornada Educação e Imaginário, realizadas na Universidade do Minho**, Portugal, março de 2003.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **A crítica da razão indolente**. Contra o desperdício da experiência. 3ed. São Paulo: Cortez, 2001. (volume1.)

_____. **Um discurso sobre as ciências**. 8. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1996.

_____. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Editora Cortez, 1995)

WELSCH, Wolfgang. **Estética além da estética**. Proceedings of the Congresso Internacional de Estética XIII , Lahti 1995, vol. III: Estética Prática na Prática e Teoria , ed. Martti Honkanen, Helsinki 1997, 18-37. Disponível em < <http://www2.uni-jena.de/welsch/> > acesso em: 23/08/2011.